Síntese dos artigos submetidos ao *I SNEA* – Grupo de Trabalho 3

Francisco Roserlândio Botão Nogueira[1]

[1]Professor, IFPB, chico.nogueira@uol.com.br

Nos últimos anos, mudanças estruturais e processuais podem ser observadas nas instituições de ensino brasileiras, perpassando todas as áreas, inclusive nas Ciências Agrárias, em que se busca, por exemplo, repensar o papel dos conhecimentos de seu domínio para a sociedade. Petersen, Dal Soglio & Caporal (2009) consideraram que tais mudanças ainda não eram capazes de reorientarem as concepções e práticas das instituições, mas as viam como sementes da transformação plantadas num campo fértil de debate, que historicamente se cultiva no Brasil. Principalmente, como crítica e construção de propostas técnicas para a agricultura que não tragam tantos danos socioambientais como aqueles provocados pela "modernização" da chamada Revolução Verde. Esse processo destaca-se com as construções teórico-práticas em torno do debate sobre a agricultura alternativa dos anos 1970 e 1980 e amplia sua dimensão com a incorporação dos conceitos e princípios da Agroecologia, já no final dos anos 1980.

> Ao situar a tecnologia no universo social, cultural, ambiental e econômico da agricultura, o enfoque sistêmico agroecológico possibilitou a ampliação do escopo de abordagem dos problemas rurais, contribuindo para o questionamento do viés produtivista das Ciências Agrárias e para a mobilização do interesse e do engajamento de setores das Ciências Humanas e Naturais na construção do novo paradigma. (PETERSEN, DAL SOGLIO e CAPORAL, 2009).

As sementes às quais se referem os autores, em sua analogia, germinaram e estão crescendo. Hoje, no Brasil, já são dezenas de cursos de Agroecologia nos vários níveis de educação, sem falar nos inúmeros grupos de pesquisa e extensão dentro das instituições de ensino que mobilizam professores e estudantes em torno do debate sobre ecologia, agricultura e sociedade, tendo a Agroecologia como referencial teórico-metodológico. Observando-se a evolução em que a Agroecologia tem referenciado a criação de uma quantidade significativa de cursos de educação formal, uma pergunta se apresenta pertinente: como fazer educação referenciada nos conceitos e princípios da Agroecologia dentro de uma estrutura educacional baseada em uma educação "bancária" como definiu Freire (1996)?

Considerando que cada experiência de educação em seu tempo e espaço está acumulando conhecimentos na prática de superação das limitações e se retroalimentado no seu próprio fazer cotidiano, cada uma tem, portanto, um saber acumulado para intercambiar. Assim, este texto tem por objetivo apresentar, em forma de síntese, o acúmulo de seis

experiências de educação referenciada na Agroecologia, para alimentar o debate em um Grupo de Trabalho no *I Seminário Nacional em Agroecologia* (I Snea).

Quadro 1. Título, objetivo e instituição dos artigos que descrevem as experiências de educação em Agroecologia objetos desta síntese, para debate em um dos grupos de trabalho no I Snea.

Título	**Objetivo**	**Instituição**
Fundamentos da Educação em Agroecologia	Propor a articulação entre a Agroecologia e a Educação Popular enquanto estratégia educativa, de formação humana e profissional, como contribuição apropriada às possibilidades de a classe trabalhadora pensar e organizar a sociedade	Assessoar
A pedagogia da rima no ensino da Agroecologia	Apresentar uma metodologia denominada pedagogia da rima	IFBaiano - Campus Valença
Vivências e experiências no curso superior de Tecnologia em Agroecologia da UFPR Litoral	Relatar as vivências e experiências adquiridas durante o curso superior de Tecnologia em Agroecologia da Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral (UFPR Litoral)	UFPR Litoral
Estratégias e espaços educativos no âmbito do Núcleo de Agroecologia e Campesinato da UFRPE	Relatar as experiências educativas que surgiram no âmbito do processo de transição agroecológica que está em curso no Assentamento Chico Mendes III	NAC/UFRPE
Qualificação de bovinocultores no município de Arapuã-PR: construção de uma proposta metodológica para a promoção da sustentabilidade	Apresentar o início de um processo educativo emancipador de bovinocultores de leite do município de Arapuã-PR, contribuindo para a permanência dos sujeitos no campo	IFPR - Campus Ivaporã

Curso Técnico em Agroecologia: socializando alguns desafios e saberes do Cetep - Sertão Produtivo – Caetité-BA	Refletir sobre o funcionamento do Curso Técnico em Agroecologia no Centro Territorial de Educação Profissional do Sertão Produtivo (Cetep - Caetité-BA), discutindo os desafios apresentados e socializando os saberes produzidos na instituição	Cetep - Sertão Produtivo

Ensinamentos das experiências

Embora as experiências acima apresentadas aconteçam em espaços diferentes e com objetivos distintos, alguns elementos perpassam transversalmente suas existências, sobretudo no que tange aos princípios da Agroecologia. Assim, o processo de construção do conhecimento nasce, em maior ou menor grau, da interação entre as teorias previamente organizadas e os saberes localmente constituídos nas relações socioambientais.

Nessa nova relação, surge também um novo personagem no espaço de ensino-aprendizagem, que tradicionalmente é "habitado" pelo/a professor/a e o/a estudante, tendo o/a primeiro/a como protagonista. No caso das experiências, surgem os agricultores e agricultoras familiares, que assumem, algumas vezes, também o papel de estudantes. Essa nova configuração tem exigido também novos processos de relação entre os envolvidos. Relações mais horizontalizadas, em que o saber de cada um apresenta-se como a fertilidade para a construção do novo. Assim, o professor assume o papel de "problematizador", abordando o conhecimento dentro de um contexto sociocultural e ecológico. Ambos, mas principalmente os/as estudantes, têm a oportunidade de compreender que, embora tenham na sua individualidade um elemento construtor de sua identidade humana, são também, e obrigatoriamente, sujeitos coletivos, pertencentes a uma sociedade e, portanto corresponsáveis por sua construção. Na relação com as comunidades rurais, têm a oportunidade de conhecer suas culturas e seus hábitos e compreender o porquê de cada comportamento. Poderão perceber que qualquer processo de intervenção precisa ser pautado na compreensão do(s) outro(s).

Um dos elementos metodológicos fundamentais para essa mudança repousa, também, na adoção do agroecossistema como "objeto" de observação e análise. Este, que é naturalmente dinâmico, complexo e gerido por pessoas (família), exige para sua compreensão um novo arcabouço teórico, baseado na teoria sistêmica e nos referenciais das Ciências Sociais, que auxiliam na compreensão das questões socioculturais. Mazoyer & Roudart (1998) defendem a utilização da teoria de sistemas agrários como instrumento intelectual que "[...] permite apreender a complexidade de toda forma de agricultura real pela análise metódica de sua

organização e de seu funcionamento", além de permitir classificar as diversidades geográficas das agriculturas no tempo.

O mergulho nessas duas estratégias — interação entre conhecimentos e agroecossistema como "objeto" de análise — está, inevitavelmente, conduzindo as experiências a incorporarem na sua prática a multi ou a transdisciplinaridade como forma de mobilizar múltiplos conhecimentos que ajudam a compreender os diversos processos ecológicos, sociais e econômicos característicos das dinâmicas dos agroecossistemas e das comunidades locais onde estes estão inseridos.

O campo da leitura de processos/realidade é outro elemento também bastante valorizado nas experiências. Os diagnósticos são apresentados como instrumentos de leitura das realidades locais, onde são identificadas limitações e potencialidades pertinentes. São adotados, também, estratégias que vão desde a definição de conteúdos para alimentar eventos temáticos de aprendizagem até avaliações e tomada de decisões em processos organizativos locais.

Partindo desse princípio metodológico de abordagem das realidades, a incerteza passa a ser um elemento importante no processo de ensino-aprendizagem. Isso não raro acontece na educação formal, em que tudo está pré-formatado e só se ensinam as "certezas". É como se não existissem os erros e as imprevisibilidades até se atingir as verdades ensinadas. Morin (2000) defende o olhar sobre a incerteza como um dos saberes necessários à educação do futuro. O autor defende que "O caráter devorante da aventura humana deve nos incitar a preparar as mentes para esperar o inesperado, para enfrentá-lo". Com o diagnóstico o conhecimento construído em tempo real, traz o imprevisível como parte do processo, demandando o desenvolvimento de estratégias para "[...] tornar mais previsível o imprevisível". Este é um importante aprendizado para a formação social e profissional dos/as estudantes e contribuirá inclusive para o desenvolvimento de suas capacidades políticas e habilidades como liderança, conteúdos não ensinados em sala de aula.

As experiências trazem, ainda, para reflexão o debate sobre a tão propagada indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Por exemplo, a inserção na comunidade como uma estratégia da extensão universitária torna-se orientadora da produção do conhecimento — pesquisa —, pois nesse processo dialógico o professor (educador problematizador), os estudantes e os agricultores e agricultoras são também pesquisadores e podem orientar a produção do conhecimento de acordo com as necessidades dos sujeitos participantes e, assim, desencadear um processo de retroalimentação entre pesquisa e extensão — pesquisa-ação. Dessa forma, a construção do conhecimento ganha caráter democrático —

desafio para superação da crise no atual paradigma científico. Os ganhos serão para todos os sujeitos envolvidos, com possibilidades de a instituição desenvolver uma agenda comum com as comunidades do território onde está sediada.

A articulação entre os professores e estudantes com as comunidades acontece, principalmente, a partir da identificação das organizações sociais, redes locais e instituições públicas, como escolas. Isso potencializa o trabalho, pois ganha maior capilaridade, além de fortalecer o papel político das estruturas coletivas dentro da própria comunidade, estimula o resgate de estratégias, muitas vezes, esquecidas; amplia e fortalece as existentes e/ou promove a criação de novas iniciativas para superar limitações existentes, como, por exemplo, aceso a mercados para comercializar a produção.

A imersão nos processos locais faz resgatar *cultura* dentro da palavra agricultura. Sendo a cultura a expressão da visão de mundo de um povo, como resultado do seu fazer diário, as práticas que envolvem direta e indiretamente a agricultura, que vão deste a relação com os recursos naturais até preparação e consumo de alimentos, estão presentes nos elementos culturais, como estratégia de compilação e perpetuação no tempo. É possível adotar esses elementos culturais — música, poesia, pintura, teatro, etc. — como material didático-pedagógico para apoiar o processo de ensino-aprendizagem, em que a arte torna-se um instrumento de apresentação dos conhecimentos científicos e estes, por sua vez, retroalimentam o fazer diário e, portanto, contribuem para a transformação cultural.

Alguns desafios

As experiências mostram que a educação de base agroecológica, embora em crescimento, apresenta alguns desafios. Dentre estes, destacam-se: a institucionalização do processo, como, por exemplo, a adoção dos princípios, diretrizes e metodologias inovadoras como orientadoras dos Planos de Desenvolvimento Institucional (PDI) das instituições de ensino e/ou Planos Político-Pedagógicos dos cursos; a ampliação do debate sobre conhecimentos para compreensão de questões socioculturais, como as relações de gênero e geração, identificação de estratégias organizativas; a qualificação da discussão sobre economia, desenvolvimento e sustentabilidade; ferramentas metodológicas que auxiliem na construção das leituras da realidades e dos conhecimentos.

Bibliografia

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 27ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MAZOYER, M.; ROUDART, L. **História das agriculturas do mundo**: do neolítico à crise contemporânea. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2ª ed. São Paulo: Unesco/Cortez, 2000.

PETERSEN, P.; DAL SOGLIO, F. K.; CAPORAL, F. R. A construção de uma ciência à serviço do campesinato. In: PETERSEN, P. (org.) **Agricultura Familiar Camponesa na Construção do Futuro**. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2009. p. 85-102.